

# A SÁTIRA EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* DE LIMA BARRETO

**Orientanda:** Sandra Maria Simão de Oliveira<sup>1</sup>

**Orientadora:** Juliana H. Moreno Rutigliano

## RESUMO

*Esta pesquisa pretende analisar, por meio de consistentes referenciais teóricos, a sátira no romance pré-modernista **Triste Fim de Policarpo Quaresma** de Lima Barreto. Abordar-se-á a preocupação do autor em fazer um estudo social em que analisa e critica a cultura oligárquica, o fisiologismo, o abismo existente entre as classes abastadas e o proletariado e o impacto que essa conjuntura exerce sobre a realidade brasileira, tomando como foco, sobretudo, os subúrbios cariocas e seus tipos populares. Sua construção estética ampara-se em elementos herdados do Naturalismo como a preferência por temas relacionados à realidade circundante e a efetivação da arte engajada com as causas sociais. Além disso, a obra já prenuncia o advento do Modernismo por romper com a linguagem acadêmica.*

## PALAVRAS-CHAVE

Literatura Brasileira. Pré-Modernismo. Lima Barreto. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*

## INTRODUÇÃO

O final do século. XIX foi palco de diversas transformações na vida brasileira, sintomas de crise do Segundo Reinado. Tem-se, primeiramente, a Abolição dos Escravos, em 1888, que gerou diversos cenários conforme a região do país; a Proclamação da República, em 1889, que impunha ao Brasil modernização para equiparar-se a nações européias e criação de oportunidades de trabalho para o brasileiro comum, para os ex-escravos e para os imigrantes. No entanto, como muitos dos abusos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil  
colocar seu e-mail



capitalistas, favorecendo a instauração da República do Café com Leite, que outorga o poder político aos grandes cafeicultores de São Paulo e aos pecuaristas de Minas Gerais.

A característica fundamental da República Velha foi o absoluto predomínio das oligarquias agrárias (formadas pelos grandes fazendeiros) sobre a política brasileira. (...) A oligarquia mais rica, poderosa e organizada formada pelos cafeicultores de São Paulo e pecuaristas de Minas Gerais assumiu o controle do governo federal. (MOURA, 2010, p. 147).

Antes da Abolição, já vinham para o Brasil imigrantes europeus em massa para o trabalho nas fazendas. Os produtores rurais começaram a dar preferência ao conhecimento de técnicas agrícolas européias, além de existir severo preconceito racial que impedia que esses fazendeiros imaginassem contratação assalariada da população escrava, considerada inferior. Queriam, assim, europeizar o Brasil.

O preconceito dos fazendeiros dificultava que eles imaginassem a hipótese de mudança de regime de trabalho da massa escrava (...). Eles não desvalorizavam apenas os escravos ou ex-escravos. Os mestiços nascidos ao longo da colonização portuguesa eram também considerados seres inferiores, e a única salvação para o Brasil consistiria em europeizá-lo. (FAUSTO, 2008, p. 205).

Assim, após a Abolição da Escravatura, com preferência dada ao trabalho do imigrante europeu, sobraram escassas oportunidades de trabalho para os ex-escravos, o que resultou em profunda desigualdade social, sobretudo porque o analfabetismo entre eles era de 99,9%. Era comum, inclusive, serem vistos como perigosos e vadios: “Sobretudo nas regiões de forte imigração, ele foi considerado um ser inferior, vadio e propenso ao crime; mas útil quando subserviente.” (FAUSTO, 2008, p. 221).

Já, em 1870, surge o movimento republicano sob a influência da filosofia positivista do pensador francês Augusto Comte, que considerava a ditadura republicana como forma de governo ideal. Muitos intelectuais da época e grande parte das classes dominantes, favoráveis à República, incentivaram o marechal Deodoro a proclamá-la, já que ele possuía grande prestígio no Exército. E, assim, na manhã do dia 15 de novembro de 1889, Deodoro derrubou a monarquia, sem que houvesse resistência.



O grande problema é que os interesses dos apoiadores da República eram diferentes. Entre os militares já havia divergências, e estas se agravavam ainda mais, quando se colocavam frente a frente os ideais dos civis e os dos militares.

E, além disso tudo, havia ainda mais um fator de conflito: a desconfiança mútua entre civis e militares. Os “casacas” achavam os “fardas” excessivamente autoritários e violentos; os oficiais julgavam que os políticos civis eram corruptos e incompetentes. (MOURA, 2010, p.148).

Esse processo foi chamado de Crise da República e durou de 1889 a 1894, envolvendo os governos dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, período também conhecido como República da Espada.

Nos governos seguintes, o carro-chefe da economia brasileira, o café, começa a apresentar queda no preço internacional. Esse fato passa a desequilibrar o orçamento do governo já abalado pela inflação e pelo declínio da cana-de-açúcar no Nordeste.

Muitos imigrantes radicados em regiões cafeeiras, desestimulados pelos salários baixos, passam a abandonar o campo, atraídos pelas indústrias, que começavam a se instalar nas grandes cidades. Além disso, mais imigrantes chegam ao país. Tudo isso contribui para um salto de prosperidade no Sul e Sudeste do país. “O quadro geral da sociedade brasileira vai-se transformando graças a processos de urbanização e à vinda de imigrantes europeus em levadas cada vez maiores para o centro sul.” (BOSI, 1982, p.342).

É um período de movimentos e revoltas localizadas como a de Canudos na Bahia, liderada por Antônio Conselheiro; a Revolta da Vacina em que parte da população do Rio de Janeiro se insurge contra a obrigatoriedade das vacinas de varíola e de febre amarela, além do movimento do cangaço, que trouxe violência e pavor para o interior nordestino e das primeiras agitações grevistas, por melhores condições de trabalho, promovidas pelos operários paulistas.

Ocorre, ainda, a Revolta da Armada (1893), em que a Marinha se opõe fortemente ao governo republicano de Floriano Peixoto, apoiado pelo Exército. O romance em análise neste trabalho abordará esse levante histórico.

A revolta da Armada estendeu-se de 1893 a março de 1894. Floriano teve o apoio do exército, dos cafeicultores paulistas e do povo do Rio de Janeiro, que ajudou a defender o governo. Por isso, os revoltosos ficaram isolados, e as tentativas de desembarque frustradas pela artilharia. (MOURA, 2010, p. 161).



Esses acontecimentos se refletem na produção literária da época. Trata-se de um período de transição entre as estéticas do fim do século XIX e o Modernismo, que tem na Semana de Arte Moderna de 1922 seu marco inicial. Os escritores dessa fase de vinte anos (1902-1922), chamada Pré-Modernismo, não estavam totalmente vinculados ao passado recente, porém já apresentavam temas e alguns processos formais adotados pelos modernistas.

Tal designação foi dada pelo crítico Tristão de Ataíde que, debruçando-se sobre a produção literária brasileira do século XX, isolou um grupo de escritores que, sem estarem inteiramente ligados a nenhuma das correntes nascidas no século XIX, já indiciavam alguns dos pressupostos temáticos ou formais do Modernismo. (OLIVEIRA, 2003, p.228).

Em 1902, foi publicado o livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que, apesar do estilo conservador quanto à linguagem, apresenta a característica mais importante dessa fase, que é tratar da realidade brasileira, sobretudo abordando a miséria e os entraves sociais de grupos marginalizados. É o que se vê em sua obra em que narra, de modo lúcido e detalhista, a Guerra de Canudos, no interior da Bahia.

(...) denuncia a situação de miserabilidade do sertanejo, mostrando ser o fanatismo religioso uma das resultantes do abandono a que o governo federal relegou o homem nordestino; corajosamente testemunha com indignação o massacre promovido pelo exército brasileiro para pôr fim à iniciativa de Antônio Conselheiro e seu grupo. (OLIVEIRA, 2003, p.234).

Outros autores do período vão se dedicar a esse novo regionalismo, cada um tendo como foco uma região brasileira e sua problemática temporal. Assim, Graça Aranha em *Canaã* trata da imigração alemã no Espírito Santo, mostrando embate entre duas personagens com orientações filosóficas diferentes: Milkau e Lentz.

Já Monteiro Lobato se dedica, sobretudo em *Cidades Mortas*, a mostrar a decadência das fazendas de café da região do Vale do Paraíba no estado de São Paulo. Como se vê, os autores dessa época se voltam para o presente político-social, de forma realista, sem medo de desnudar as mazelas brasileiras. A atualidade se mostra mais interessante para o público-leitor, sobretudo, porque, nessa época, conta-se com o telégrafo, com a fotografia, com o cinema e outras inovações tecnológicas.



Uma vez criado o gosto pela atualidade, é preciso encontrar meios para fazer com que os textos literários também ganhem mais agilidade. As tecnologias que favorecem a circulação rápida da informação despertam nos leitores a expectativa de que a literatura se “atualize” e deixe de apresentar cenários claramente ficcionais, oferecendo pontos de contato com a realidade. (ABAURRE, PONTARA, 2005, p.471).

Lima Barreto, carioca de nascimento, pertence a esse momento, e, tal como seus pares, também tem como foco o presente, sobretudo, os subúrbios cariocas habitados pela classe média, ignorada pela elite e pela literatura do passado recente. Diferente dos escritores de seu tempo, sofre preconceito racial e social por ser mulato e pobre. Por isso, entrega-se a uma vida solitária, a leituras, à escritura de artigos de jornal, romances e contos e ao alcoolismo, vindo a morrer cedo, de ataque cardíaco.

Solitário e desgostoso, Lima Barreto foi se entregando à depressão e à vida boêmia. Tornou-se um alcoólatra e esteve internado duas vezes na colônia de alienados da Praia Vermelha. (...) Consumido pelo alcoolismo, morreu de ataque cardíaco em 1922. (OLIVEIRA, 2003, p.238).

O temário de sua obra inclui denúncia de práticas que revelam preconceito social e racial; transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; pintura do cotidiano urbano e suburbano; política nacional; crítica à burocracia e, sobretudo, às injustiças sociais, revelando visão pessimista da sociedade brasileira. Faz literatura engajada a favor de um Brasil justo.

Seu estilo é despojado, informal e objetivo, assemelhando-se à crônica ao descrever cenas do cotidiano, problemas familiares em linguagem simples. Deve essa ruptura com o academismo literário ao fato de ser jornalista. Esse tom coloquial o inscreve como precursor das técnicas modernistas.

Em Lima Barreto, as cenas de rua ou encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas (como resultava da linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas. (...) O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, bom jornalista) foi considerável: a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de academismo, só veio a lucrar com essa decisão de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscara no texto literário. (BOSI, 1975, p.357).



Seu primeiro romance foi *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), em que se notam traços autobiográficos no personagem central, mulato e, por isso, inferiorizado na redação do jornal em que trabalha. Deixou outras narrativas, como *Clara dos Anjos* (1919), em que a denúncia contra o preconceito racial ressurge. Além de contos, escreveu a sátira *Os Bruzundungas* (1923), texto em que se mostra implacável com os políticos de seu tempo e com a literatura oficial.

Sem dúvida, sua grande obra é *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance lançado primeiramente em folhetim, em 1911 e publicado em livro em 1915. A trama reflete a luta quixotesca do protagonista por um Brasil melhor. Torna-se vítima de sucessivos fracassos, evidenciando a distância entre o idealismo de um brasileiro patriota ao extremo e a realidade dura e decepcionante.

Lima Barreto tematiza o embate entre o real e o ideal, fazendo com que o leitor perceba, ao acompanhar os infortúnios da personagem, o que acontece com os idealistas em nossa sociedade. Em Policarpo, o patriotismo é um ideal. Ele assume ares de visionário, louco. (...) Seu único objetivo é o engrandecimento do Brasil. (ABAURRE, PONTARA, 2005, p. 479).

Como o objetivo deste trabalho é analisar a sátira no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, para tanto, vai se, a seguir, pontuar alguns pressupostos da sátira.

### **A Sátira: conceitos gerais**

Segundo o Dicionário SESC, “sátira é a crítica irônica aos vícios, aos absurdos e às injustiças da sociedade, aos homens e às suas instituições. É a manifestação de um desdém pela realidade factual das relações humanas.” (CUNHA, 2003, p.588). Foi cultivada na literatura desde os gregos, de que são exemplos as sátiras de Menipo e as comédias de Aristófanes. Porém, a origem do nome é latina, vindo de “satura”, que significa “mistura” ou “salada”. Em Roma, a sátira encontrou vários cultores como Horácio e Juvenal.

Chegou a ser considerada gênero literário, mas, a partir do século XIX, passa a ser vista como uma maneira diferente de se enxergar a realidade, tanto num texto como numa pintura, ou numa charge, em quadros televisivos, em mensagens ou anedotas



veiculadas pela internet. Assim, haverá sátira sempre quando se expuser à crítica, à zombaria alguém, algum aspecto social ou político que se queira reprovar.

Na verdade, a partir do século XIX, a sátira não sobrevive como um gênero, mas se configura como uma atitude, uma forma de olhar, que se manifesta em textos e, mais recentemente, por meio dos mais distintos veículos. , tais como o jornal, a TV, o cinema; enfim, define-se como um tom, que aparece em qualquer forma de comunicação humana. (TELAROLLI, p.66).

A sátira se manifesta como crítica contundente, mas há sempre a intenção de corrigir os costumes satirizados, mudar as atitudes da sociedade, denunciar hipocrisias e abusos de ordem pessoal, social e política.

Segundo Fantinati, a sátira pressupõe três elementos para que se efetive: o ataque agressivo, a norma e a indireta. O primeiro se refere a uma reação forte do satirista contra algo que considera um mal, uma falsidade ou uma realidade ameaçadora. A norma deve ser vista como valor positivo que se contrapõe a uma realidade negativa. Assim, “a realidade enquanto carência é contraposta ao ideal” (1994, p.206). Por isso é necessário ler a sátira atentando para a sociedade alvo da crítica, para os costumes aí envolvidos e, sobretudo, para a moral pertinente a essa época. A indireta constitui a forma como é feito o ataque pelo satirista, que pode ser cômico, irônico, grotesco, caricatural ou hiperbólico. Trata-se da criação de um mundo às avessas.

O autor do texto fala com voz dissimulada, oblíqua, disfarçada. Seus mais importantes recursos são os contrastes cômicos em todas as suas modalidades, quer se trate de ironia, da caricatura, da paródia ou do grotesco, quer do inflar do pequeno e do fútil, quer da redução do sublime ao comum. Por isso, Lazarowicz propôs, como critério decisivo para a caracterização da sátira, a categoria do “mundo às avessas”. (1994, p. 207).

Esse mundo às avessas ou a visão de um mundo transformado são criações ou recursos do satirista para tornar a revelação de verdades desagradáveis da realidade em algo que agrade ao leitor e o prenda ao texto.

O texto satírico, sem dúvida, possui um viés didático, já que induz à leitura crítica de uma determinada época, mostrando “de maneira clara que a literatura possui uma função junto à consciência pública.” (FANTINATI, 1994, p.208).



### A sátira em *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Após este breve exposto sobre a sátira, passar-se-á a examinar esse importante recurso discursivo no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, cujo personagem principal, homem de meia-idade, solteirão, vivendo em companhia da irmã Adelaide, era um patriota exaltado, que enxergava o Brasil como local utópico. O major Quaresma residia no subúrbio carioca, prezado e respeitado pela vizinhança, que o via como homem regrado, pontual e de costumes reclusos. O enredo se situa no início do regime republicano brasileiro, época em que o autor viveu, o que evidencia sua preocupação em denunciar as mazelas do seu tempo, produzindo literatura engajada.

Esse romance está dividido em três partes: na primeira, o protagonista, major Quaresma, pretende fazer uma reforma cultural brasileira e, como tributo ao passado indígena, prega a instituição do tupi-guarani com língua pátria. A segunda parte mostra o major disposto a levar a cabo uma reforma agrícola e econômica, acreditando na fertilidade excepcional da terra brasileira. Na terceira parte, Quaresma, adepto da política de Floriano Peixoto, visa a uma mudança no âmbito político e, por isso, engaja-se nas tropas federais para lutar na Revolta da Armada, conflito no qual a Marinha, opondo-se às ordens do marechal Floriano, amotinou-se nos navios de guerra.

Policarpo trabalhava no Arsenal da Guerra e, às quatro e quinze da tarde, estava de volta a casa para jantar e ter aula de violão, causando espanto na vizinhança, já que esse instrumento musical era o preferido das rodas de boêmios ou malandros:

A vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas malandragens! (...) À vista de tão escandaloso fato, a consideração e o respeito que o Major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa, diminuíram um pouco. (BARRETO, 1983, p. 20).

Já se vê, no excerto acima, a figura do major criticada pela vizinhança, apenas pelo gosto de aprender a tocar o instrumento. Quaresma tem apreço pelo violão por ser popular entre brasileiros, menosprezando o piano, cultuado pelos europeus.

Através do discurso indireto livre “Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!” e da expressão “escandaloso fato”, o autor dirige a sátira aos habitantes do subúrbio carioca, bisbilhoteiros, preconceituosos, preocupados com futilidades. Trata-se do recurso indireto da sátira, isto é, o uso da ironia que pressupõe a ambivalência de voz ou polifonia. Assim,



Todas as personagens trazem a marca do seu meio e constituem o objeto privilegiado da crítica social do autor. Nenhum aparece de forma inócua ou decorativa, todos concorrem para consagrar o destino militante de sua literatura. (SEVCENKO, 2009, p. 191).

O major, apesar dos hábitos regrados e conservadores, passa a apreciar as modinhas, morando numa casa de vasto quintal, cultivava apenas flores brasileiras como “miseros beijos-de-frade, palmas de santa-rita, manacás melancólicos. (...) Nada de rosas, de crisântemos, de magnólias – flores exóticas; as nossas terras tinham outras mais belas.” (p.26). Percebe-se a sátira aos exageros patrióticos do major, sobretudo, pelos dois atributos depreciativos que o narrador impõe às flores brasileiras, duvidando da exuberância da flora brasileira, portanto contrariando os conceitos ufanistas de Quaresma.

Suas leituras eram sempre voltadas para o Brasil, principalmente para o passado histórico. Assim, estudava os índios e seus costumes, além de conhecer bem o tupi-guarani. Esses estudos o levavam a meditações patrióticas, que surgem no romance em discurso indireto livre, o que favorece a sátira, já que esse recurso torna o relato ambíguo. Representa, numa leitura atenta, a voz dissimulada ou irônica, de que já se falou.

Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo – o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. (BARRETO, 1983, p. 29).

Vê-se que a supervalorização e o idealismo representam a forma de Quaresma ver o Brasil; o narrador, apesar de onisciente, para ironizar o ufanismo do protagonista, evidencia o exagero dessas meditações por meio da reiteração do pronome indefinido “todos”, do advérbio “mais” e da pergunta retórica.

(...) visão fantástica do mundo transformado, sendo sempre essencial o engenho, entendido como o efeito de perceber uma idéia ou um sucesso, simultaneamente ou em rápida alternância, dentro de duas estruturas de referência habitualmente incompatíveis. (TELAROLLI, ???

Nessa paixão pela pátria, Quaresma deixou um pouco a circunspeção de lado para aderir às festas do vizinho General Albernaz, levando consigo seu professor de



violão, Ricardo Coração dos Outros para que tocasse “modinhas” genuinamente brasileiras. Numa dessas ocasiões, o major representou a folia do “Tangolomango”.

(...) vestiu uma velha sobrecasaca do general, pôs uma imensa máscara de velho, agarrou-se a um bordão curvo e entrou na sala. As dez crianças cantavam (...) . O major avançava, batia o báculo no chão e fazia: hu! hu! hu!; as crianças fugiam, afinal ele agarrava uma. (...) quando, pela quinta estrofe, lhe faltou o ar, lhe ficou a vista escura e caiu. Tiraram-lhe a máscara, deram-lhe algumas sacudidelas e Quaresma voltou a si. (BARRETO, 1983, p. 34).

Segundo o que se expôs anteriormente, o grotesco e o aspecto cômico surgem como elementos importantes da sátira. Aqui, o primeiro aparece como recurso que rebaixa, que pode ser considerado crítico, por mostrar o homem sério, militar, de meia-idade de modo ridículo, dando gritos. Surge, ainda, o cômico de modo nítido, aberto, já que o leitor se depara com uma das grandes atitudes excêntricas do protagonista.

O efeito satírico tem continuidade, pois, nos dias que se seguem, o major descobre decepcionado, pelos livros, que o “Tangolomango” tinha origem estrangeira. A partir daí, passa a estudar os tupinambás. Desse modo, conhece os costumes e cumprimentos dessa tribo indígena. Assim, quando, no domingo, o compadre Vicente e a afilhada Olga vêm visitá-lo, ele os recebe à moda tupinambá:

Abriu a porta, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. Queriam que eu apertasse a mão... Isso não é nosso! Nosso cumprimento é chorar, era assim que faziam os tupinambás. (BARRETO, 1983, p. 34).

Quando se conceituou sátira, falou-se sobre o desvio da norma. No excerto acima, ocorre essa ruptura da norma. Entende-se como norma aquilo que pressupõe acordo entre os conceitos do autor, do público e as convenções de determinada época. Portanto o que foge a esse acordo significa desvio, ruptura, o mundo às avessas. É o caso do cumprimento exótico, fora do convencional com que Quaresma recebe suas visitas.

Lima Barreto ridiculariza um Brasil em que existe um general que nunca participou de nenhuma batalha (General Albernaz) e um almirante que jamais comandou um navio (Almirante Caldas).



O altissonante título de general, que lembrava os Césares (...), ficava mal naquele homem plácido, medíocre, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar pistolões para fazer o filho passar nos exames do Colégio Militar. (...) Se alguém perguntava: “O general assistiu a batalha de Lomas Valentinas?” Ele respondia logo: “Não pude. Adoecei e vim para o Brasil nas vésperas.” (BARRETO, 1983, p. 30).

A sátira recai não só sobre o General Albernaz, mas, principalmente, sobre o exército brasileiro, sobre o funcionalismo público inoperante. A única oportunidade de o general participar de uma batalha, na guerra do Paraguai, foi perdida. Concluiu-se que Albernaz atingiu essa alta patente sem desempenho significativo, dedicando-se apenas a expedientes fúteis, casamenteiros ou imorais como conseguir o ingresso do filho no Colégio Militar ilegalmente, através de “pistolões”. O efeito satírico constitui ataque agressivo ao general e a todo o fisiologismo que ele representa.

Encerra-se a primeira parte com o ápice da ação quixotesca de Quaresma: o requerimento dirigido à Câmara solicitando a adoção do tupi-guarani como língua oficial do povo brasileiro.

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil, (...) por esse fato, o falar e o escrever, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer censuras ásperas dos proprietários da língua (...) vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. (BARRETO, 1983, p. 48).

Essa atitude extrema e absurda trouxe consequências muito sérias, já que, após o infeliz requerimento, que despertou risos, ironias e críticas, Quaresma foi suspenso do serviço público e internado no hospício.

O narrador, apesar de satirizar Quaresma, atribuindo-lhe atitudes desvairadas, cômicas e, ao mesmo tempo, trágicas, mostra piedade e compreensão por esse homem. Percebe-se que o tom satírico dirigido ao major apresenta tom benigno; não tem o caráter agressivo e contundente como aquele dirigido a Albernaz. O narrador enxerga a pureza e a boa índole do protagonista satirizado.

É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça. (BARRETO, 1983, p.49).



Na segunda parte da narrativa, após seis meses de hospício, Quaresma está triste, pois “Das coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente.” (p.65). Sem dúvida, essa digressão vem da experiência pessoal do autor, que, como esteve internado em hospício, conhece essa realidade degradante.

O major, influenciado pela afilhada Olga, resolve afastar-se da cidade. Adquire, então, um sítio chamado “Sossego”, a duas horas do Rio e lá se instala sempre acompanhado da irmã. Lá, ele resolve desenvolver trabalho braçal com a enxada em punho, o que nunca havia feito. Assim, nem sempre seu trabalho caminha a contento.

Poucos escapam da sátira de Lima Barreto: isso ocorre com os habitantes mais pobres dos subúrbios onde mora Ricardo Coração dos Outros, alvos, tanto o violeiro como os moradores pobres, de visão sempre benevolente por parte do autor.

Não se podem imaginar profissões mais tristes e inopinadas da gente que habita esses caixotins humanos. Além dos serventes de repartição, há velhas fabricantes de renda de bilro, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, mandingueiros, (...) enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família. (p. 74).

Essa visão dos subúrbios mais miseráveis, das moradias indignas e dos subempregos revela a falta de assistência do poder público, sobretudo, em se tratando da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil nessa época. Surge a sátira à pequena e à alta burguesia, alienadas e indiferentes a essa classe social tão vulnerável. O autor se sensibiliza com essas carências, pois experimentou delas.

Uma das filhas do general Albernaz, Quinota, casa-se com Genelício, rapaz muito elogiado pelos convidados por deter bom emprego público: “E que carreira!” No entanto, a descrição do noivo feita pelo narrador é impiedosa:

Um casamento bem cotado e esperado. Genelício dava o braço à noiva, encasacado numa casaca mal talhada, que punha bem à mostra a sua gibosidade, e caminhava todo atrapalhado nos apertados sapatos de verniz. (p. 77).

Nota-se o tom satírico ao descrever o noivo num traje de gala mal feito, atrapalhado com os sapatos de verniz a que não está acostumado e, por fim, a casaca ressalta-lhe a gibosidade (corcunda). A sátira, então, envolve toda a burguesia suburbana, classe social dos noivos, que sofre de “bovarismo”, que seria “o poder



partilhado no homem de se conceber outro que não é.” (SEVCENKO, 2009, p. 212). Percebe-se, ainda, a zoomorfização naturalista do noivo, possuidor de uma corcova, tal qual um animal.

O termo “bovarismo” tem origem na personagem Emma Bovary de Flaubert, que, apesar de ser filha de sitiante, criada conforme os costumes simples do interior da França, sonha ser dama refinada, heroína sentimental, adotando, para tanto, costumes da alta burguesia, que conheceu através da leitura de romances românticos.

Aliás, na festa do casamento, veem-se várias atitudes bovaristas, sobretudo, examinando-se a conversa de Albernaz com seus convidados do Exército e da Marinha.

O general, o almirante e o major enchiam de pasmo aqueles burgueses pacíficos, contando batalhas em que não estiveram e pugnas valorosas que não pelejaram.(...) contadas pelo general, que nunca tinha visto a guerra, a cousa ficava edulcorada, uma guerra *bibliothèque rose*, em que não aparecem a carniçaria, a brutalidade. (p. 79).

O narrador trata com ironia as guerras inexistentes dos três personagens, mostrando que foram tiradas de romances adocicados, nos quais as batalhas surgem apenas sob o aspecto heróico, sem mortes ou sangue derramado. A expressão francesa indica uma biblioteca composta de romances amenos, fúteis. Reforça-se o caráter bovarista de homens medíocres, funcionários fisiológicos que, diante dos outros, passam por heróis.

A afilhada Olga havia se casado com o médico Dr. Armando Borges e resolve visitar o padrinho no sítio, já que ele não pudera ir a seu casamento, mas o marido de Olga, por se achar superior, despreza a amizade de Quaresma.

O marido tinha resistido muito em acompanhá-la até ali. Não lhe parecia bem aquela intimidade com um sujeito sem título, sem posição brilhante e sem fortuna. Ele não compreendia como seu sogro (...) tinha podido estreitar relações com um empregado de repartição secundária e até fazê-lo seu compadre! (p. 87).

De novo, a ironia gerada pelo discurso indireto livre propicia duas vozes: a do narrador e a do médico orgulhoso. Os termos que conotam preconceito pertencem ao discurso da soberba, portanto, ao Dr. Armando. O narrador, dessa vez, satiriza a discriminação profissional: diplomas de doutor propiciam uma existência superior.



Quaresma, sempre confiante na fertilidade das terras brasileiras e no trabalho humano, espera boa produção, não pelo dinheiro que isso lhe renderia, mas para poder comprovar seu extremo nacionalismo, sua crença exacerbada na agricultura e na economia do país. Não contava com as formigas, que lhe devoravam o milharal.

Apesar de o sítio estar um pouco distante da cidade, as perversidades vêm até seu sítio. Como estava próximo o período de eleições, o presidente da câmara, “das pessoas consideráveis de Curuzu” (p. 99), veio visitar o major propondo-lhe que cometesse uma falcaturia para viabilizar sua eleição como prefeito. Mediante a negativa de Quaresma,

o doutor não se zangou. Pôs mais unção e maciez na voz, aduziu argumentos: que era para o partido, o único que pugnava pela lavoura. Quaresma foi inflexível, que não tinha partido e não iria afirmar se uma coisa que ele não sabia era mentira ou verdade. (p. 99).

Dias depois, chegam para Quaresma uma exigência de capina em todos os limites do sítio e uma cobrança de multa por vender batatas do sítio sem recolher taxas.

Viu bem o que havia nisso de vingança mesquinha.(...) A quarenta quilômetros do Rio, pagavam-se impostos para se mandar ao mercado algumas batatas? (...). Como era possível fazer prosperar a agricultura com tantas barreiras e impostos? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio se juntavam as exações do Estado, como era possível tirar da terra a remuneração consoladora? (p. 101).

O ataque agressivo recai sobre a desonestidade e hipocrisia dos políticos e sobre a política agrícola da época. Primeiramente, vê-se que o candidato a prefeito vingou-se, de modo sórdido, de Quaresma por este não aderir ao esquema corrupto da eleição. A indignação vem reforçada pelo discurso indireto livre e pelo tom das interrogações retóricas. “Em país de frágil estrutura econômica, a condição de político era sinônimo de regalias e dinheiro fácil. (SEVCENKO, 2003, p. 202).

Em segundo lugar, há a crítica ao desestímulo à agricultura promovido pelo Estado, que favorece os atravessadores do Rio e a cobrança de altas taxas. Desse modo, para aquele que se arrisca a plantar, sobra muito pouco. Essa denúncia mostra a injustiça com aquele que abastece a cidade. Corruptos e ambiciosos sempre lucram.

O mecanismo que desencadeara esse processo de inversão era prontamente identificado na “ganância de dinheiro, na anestesia moral... o cinismo de processos para obter riquezas”. É na notação moral que o autor busca as



causas mais decisivas para os processos de transformação histórica. (SEVCENKO, 2003, p. 224).

Nota-se que o nome do sítio “Sossego” consiste em grande ironia, pois, nesse canto retirado, Quaresma, ao invés de encontrar a tranquilidade e o acolhimento da natureza pródiga, depara-se com inúmeras decepções de toda ordem.

Nesse mesmo dia de grandes aborrecimentos, o major lê no jornal que os militares da Marinha haviam se insurgido contra o presidente, marechal Floriano Peixoto. A reação de Quaresma foi rápida na mensagem pelo telégrafo: “Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma.” (p.102). Assim, parte o major para o Rio, amargurado por presenciar o abandono da população rural, mas com ânimo para defender a República. Inicia-se a terceira parte da narrativa.

O palácio tinha um ar de intimidade, de quase relaxamento, representativo e eloquente. Não era raro ver-se pelos divãs, em outras salas, ajudantes-de-ordens, ordenanças, contínuos, cochilando, meio deitados e desabotoados. Tudo nele era desleixo e moleza. Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes, quando pisados com mais força, subia uma poeira de rua mal varrida. (p. 112).

O excerto acima trata da descrição do palácio onde o presidente Marechal Floriano Peixoto despacha. Vê-se o desleixo, a sujeira e, além disso, o funcionalismo público sem compostura, mole, preguiçoso, justificando o atraso do país. Com esse panorama descrito ao estilo naturalista, expressionista, em que predomina o grotesco, o narrador inicia sua sátira contundente ao governo republicano. A sede do governo foge à norma do que deveria ser esse tipo de recinto. É o mundo às avessas. Além disso, a figura do presidente é o reflexo do palácio:

Era vulgar e desoladora. O bigode caído, o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande mosca. O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte e desinteressado. Tinha-o na conta de enérgico, conhecedor das necessidades do país (...). Entretanto não era assim. Com ausência total de qualidades intelectuais, havia no seu temperamento muita preguiça, era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa. (p. 114).

No excerto acima, nota-se o conflito entre a imagem ideal que o ingênuo Quaresma tem do presidente e a desoladora e real figura do mandatário, vítima de preguiça e, ainda, falta de inteligência. Lima Barreto tece a caricatura do presidente pelo



exagero do lábio inferior “a que se agarrava uma mosca” e pela preguiça doentia, mórbida, o que mostra ao leitor perfeito quadro naturalista.

Apesar dessas carências, o presidente despertava entusiasmo e até fanatismo em muitos brasileiros. “Ele (Quaresma), como muitos homens honestos e sinceros do tempo, foram tomados pelo entusiasmo que Floriano conseguira despertar.” (p. 115).

Quanto à vida militar e ao poder de mando, vê-se que o marechal permite atos violentos por ser fraco, pela preguiça de controlar a agressividade de seus subordinados. Assim, a caricatura, traço importante da sátira, torna-se acabada.

Sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto pela perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade de seus auxiliares e asseclas. (p.115).

Nesta terceira parte, é comum Lima Barreto citar Napoleão, César, Filipe II ou outros grandes líderes com o intuito de zombar e rebaixar o presidente desastrado, mostrando o governo deste como uma paródia crítica de governos notáveis.

Demais, ninguém pode admitir um homem forte, um César, um Napoleão, que permita aos subalternos intimidades deprimentes, consentindo que seu nome servisse de lábaro para uma vasta série de crimes de toda espécie. (p. 114).

Quaresma, então, passa a integrar o batalhão Cruzeiro do Sul. Como estava no Rio, resolve visitar a afilhada Olga, casada com o Dr. Armando, que está muito ocupado escrevendo o tratado “Ferimentos por arma de fogo”. O médico, esnobe e medíocre, imagina-se um intelectual. Assim, recusa-se a escrever como “esses meninos por aí que escrevem contos e romances nos jornais.” O menosprezo do Dr Armando pelos “meninos” que escrevem “contos e romances nos jornais” inclui entre “esses meninos” o próprio Lima Barreto, já que este romance, que ora se analisa, foi primeiramente publicado em folhetim. Dr Armando resolve, assim, adotar estilo clássico, pomposo:

O processo era simples: escrevia do modo comum, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituíam incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, tão grande por quamanho, (...) Assim, obtinha seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares. (p. 119).



A sátira surge pela ironia incisiva e pelo efeito cômico com que o autor faz a caricatura do falso intelectual, que padece de bovarismo. Percebe-se a crítica contundente a muitos escritores da época, sobretudo aos parnasianos, que procuravam rebuscar seus textos. A sátira se estende ainda ao público burguês, também bovarista, que aprecia o texto, muitas vezes, pela complexidade, pela obscuridade

Lima Barreto foi alvo de muitas críticas por utilizar linguagem marcada pela simplicidade, pelo despojamento e pela contenção. Como sua temática se volta para o cotidiano, para fatos banais, cenas de rua, “Lima insistia em que as preocupações gramaticais e estilísticas não deturpassem a naturalidade dos personagens.” (SEVCENKO, 2003, p. 196).

Certo dia, o presidente Floriano Peixoto resolveu visitar o regimento a que Quaresma havia se integrado. Com base em sua experiência como sitiante, o major havia feito um manuscrito sobre as mazelas da agricultura brasileira, sobre as injustiças sofridas pelos agricultores, sobre ataques de pestes e de formigas. Aproveitou, então, a visita do presidente para mostrar-lhe suas idéias. Mas, “o presidente aborrecia-se. Num dado momento, disse: - Mas, pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr a enxada na mão de cada um desses vadios?!” (...) - Você, Quaresma, é um visionário.” (p. 131).

Vai se desenhando no decorrer da narrativa, o traço caricatural de Quaresma baseado no exagero: o Dom Quixote brasileiro, o ingênuo ufanista, capaz de qualquer sacrifício pelo bem do Brasil.

A resposta do marechal vem cheia de preconceito contra o homem rural, visto por muitos, na época, como vadio, indolente. E o major é tido por visionário.

Quando Olga visitou o sítio do padrinho, perguntou a Felizardo, um dos matutos que ajudavam Quaresma, por que ele não cultivava seu próprio sítio. Ouviu, então, a



resposta: -“Terra não é nossa. E “frumiga”? Nós não tem ferramenta.... Isso é bom para italiano ou “alamão”, que o governo dá tudo. Governo não gosta de nós.”(p. 91).

Vê-se como Lima Barreto coloca sua obra a serviço da denúncia do abandono dos humildes. Há, portanto, na obra de Lima Barreto duas dimensões:

Uma primeira, organizada em torno da temática do poder e seu efeito de discriminação e distanciamento entre os seres, e uma segunda, cujo arranjo provém da experiência dolorosa dos humilhados e ofendidos e que converge para o ideal da máxima confraternização. (SEVCENKO, 2003, p. 223).

Atribuem a Quaresma outro ofício: de carcereiro. Ele aceita a tarefa com repugnância. Colocam sob sua guarda os marinheiros revoltosos aprisionados, já que as forças do exército de Floriano Peixoto haviam vencido. Lima Barreto os descreve com piedade, mostrando a falta de perspectiva desses homens, vítimas de um poder injusto.

Branços, pretos, mulatos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, gente que tinha se metido em tal aventura pelo hábito de obedecer, gente estranha à questão em debate, gente arrancada à força de seus lares (...), pequeninos, ou que se haviam se alistado por miséria; gente ignara, boa, dócil como um cordeiro. (p. 149).

Numa noite, esses homens são levados à força para o Boqueirão, provavelmente para serem exterminados. Quaresma, inconformado com a injustiça, denuncia o fato, através de carta, ao presidente. “Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, (...) para uma carniçaria distante.” (p. 151).

Em nenhum momento, o major trai seus princípios morais e seu anseio de solidariedade. No entanto, o cruel ditador, ao receber a carta, manda prender Quaresma, que agora se encontra na masmorra, esperando pela morte. Assim, Lima Barreto apresenta o quadro de violência desse momento histórico em que matar se torna atitude honrosa. A sátira desnuda um Brasil às avessas, fora da norma.

A vitória tinha feito os vitoriosos inclementes e ferozes. Não havia mais piedade, não havia simpatia, nem respeito à vida humana; o que era necessário era dar o exemplo de um massacre à turca, porém clandestino. Era a filosofia social da época, com forças da religião, com os seus



Olga e Ricardo Coração dos Outros, os verdadeiros amigos, querem interceder pelo major, mas os bajuladores, como Genelício, Dr. Armando e outros próximos do poder, recusam-se a falar com o presidente, pois dependem das benesses do mandatário e, com a vitória, obtiveram promoções. Esses são os jacobinos, burgueses republicanos radicais, defensores do governo violento de Floriano Peixoto, são os grandes alvos da sátira de Lima Barreto. Alinham-se aí militares, muitos políticos, altos funcionários públicos, enfim a burguesia gananciosa por privilégios, todos os bajuladores da injusta república florianista, indiferentes aos pobres.

A força da nova sociedade estava concentrada nos comportamentos mais antissociais: o gosto pela fruição do conforto material e pelas situações de privilégio e superioridade despertam a discriminação e as mais variadas formas de desprezo mútuo entre os cidadãos. Era a condenação de qualquer princípio de solidariedade. (SEVCENKO, 2003, p. 225).

Olga consegue chegar a um secretário de Floriano Peixoto, porém, quando pronuncia o nome de Quaresma, recebe a resposta: “- Quem, Quaresma? Um traidor! Um bandido!” A narrativa se encerra com essa última ironia do destino: o único que não traiu a pátria, o único que refletiu seriamente sobre ela e sacrificou-se por ela, é visto como bandido e traidor.

## CONCLUSÃO

Através da sátira, Lima Barreto tece uma narrativa em que desconstrói os ideais românticos de Quaresma, evidenciando a distância enorme entre o país idealizado pelo major e o Brasil real, injusto. Assim, os castelos construídos pelo protagonista desmoronam um a um, enfraquecidos pela falta de compromisso da burguesia jacobina e do poder com a solidariedade e com a justiça social. O Brasil sublime de Quaresma torna-se grotesco, rebaixando-se, entregando-se à violência, às rivalidades, à guerra, fazendo com que predomine a filosofia positivista, defensora da república ditatorial.



Lima Barreto sonhava com um país transformado pela igualdade, pela estabilidade, porém o que satiriza é um Brasil às avessas, degradado pelo fisiologismo e pelos interesses pessoais de uma burguesia bovarista.

O nosso Policarpo apresenta muitas semelhanças com Dom Quixote, como o amor aos livros, a vida reclusa, os ideais nobres, os anseios por mudanças e até atitudes disparatadas. Até o final dos dois é pleno de lirismo triste, de desilusão.

Esse Policarpo nos leva, hoje, a refletir sobre a construção de uma identidade nacional. Sem dúvida, a trajetória de Quaresma com seus questionamentos não é pré-modernista, é contemporânea, e faz enorme sentido no Brasil de agora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. Luiza e PONTARA, Marcela. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Moderna, 2005.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1983.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2 ed..São Paulo: Cultrix, 1975.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a Linguagem da Cultura**.São Paulo: Perspectiva, 2003.

FANTINATI, Carlos E.. **Contribuição à Teoria e ao Ensino da Sátira**. In: IV Seminário de Estudos Literários. Assis: Unesp,

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 ed.. São Paulo: EDUSP, 2008.

LEITE, Sylvia H. Telarolli de Almeida. **Chapéus de Palha, Panamás, Plumas, Cartolas**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1996.

MOURA, José Carlos Pires. **História: livro texto**. Anglo Sistema de Ensino. São Paulo: Anglo, 2008.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi. **Arte Literária Brasileira**. São Paulo: Moderna, 2003.k

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 2ed..São Paulo: Schwarcz, 2009.